

(Transcrição da gravação)

Aquisgrana (Alemanha), 13 de novembro de 1998

Chiara na Catedral de Aquisgrana

## **Jesus abandonado e Maria como pontos chaves do diálogo inter-religioso (II parte)**

(com tradução em alemão)

Existe ainda outro aspecto da espiritualidade do nosso Movimento que é mais do que qualquer outro a chave para compreender desde à raiz o sentido e o fruto do seu diálogo inter-religioso: é Jesus crucificado meditado, amado, contemplado principalmente no seu grito de abandono: «Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste»? Ali sim que Jesus esvaziou-se. Ele perdeu tudo, a vida, a mãe, os discípulos, perdeu tudo, inclusive a sensação de estar unido a Deus. Tudo isso para se fazer um conosco, para nos compreender, para nos salvar. Devemos olhar para ele.

Ora, este sofrimento de Jesus, que produziu a sua aniquilação total, desperta também uma fascinação toda especial exatamente nos fiéis de outras religiões, porque também eles desejam despojar-se de tudo, perder, desaparecer-se. Eles se sentem próximos do cristianismo, se lhes apresentarmos cristãos que amam assim.

Jesus crucificado e as grandes religiões, de resto, é um assunto de grande atualidade. «Hoje – afirmou Waldenfels – todas as religiões se encontram, cada uma com a sua história, diante da cruz de Cristo»<sup>1</sup>.

Nada disso exclui a necessidade de discutir teologicamente sobre muitas questões fundamentais. No entanto este modo de agir facilita inclusive o diálogo, pois se sentem compreendidos, que nós os compreendemos, porque salvamos todas as belezas que possuem, as “sementes do Verbo”.

A experiência de diálogo budista-cristão feita até agora pelo Movimento, tanto com personalidades do mundo acadêmico quanto com simples fiéis, é confirmada pela opinião expressa por um eminente estudioso de religiões, Terrin, que disse: «O budismo precisa ser compreendido no âmbito de uma profunda experiência religiosa, precisa de um "olhar místico", para que seja reconhecida a verdade de que se faz portador».<sup>2</sup>

E mais uma palavra, talvez nova para muitos ambientes, sobre outro elemento da espiritualidade que facilita muito o nosso diálogo inter-religioso, e não se diria. É Maria. Talvez porque Jesus redimiu todos, talvez porque Maria é mãe de todos, ela é uma figura muito importante no diálogo inter-religioso. Importantíssima.

No Catecismo Protestante se afirma: «Maria não é apenas católica, é também evangélica»<sup>3</sup>.

Nas outras religiões também se tem simpatia por Maria. Por exemplo, os judeus dizem: Maria é judia; aliás, ela é mãe judia, e as suas raízes judaicas foram evidenciadas hoje por estudiosos judeus.

Isso é estranho para quem não o conhece, mas Maria está muito presente no Alcorão, que a cita mais de 34 vezes. Provavelmente mais do que nós no Evangelho. Para Maomé ela é um dos grandes eleitos de Deus e o modelo de santidade que é preciso imitar sempre. Portanto, Maria é também de alguma forma muçulmana para os muçulmanos. Para eles, Maria é um modelo de fé, de religiosidade, de discrição, pela sua virgindade, pela sua maternidade prodigiosa, pela sua altíssima dignidade.

<sup>1</sup> Cf H. Waldenfels, *Gesù Crocifisso e le grandi religioni*, Napoli 1987, p. 60.

<sup>2</sup> Cf A. N. Terrin, *La ricerca di Dio nelle religioni*, Bologna 1980, p. 218.

<sup>3</sup> *Evangelischer Erwachsenen-Katechismus*, Gütersloh, 1989, p.416.

Até aqui citei as religiões do Livro: a católica, a judaica, a muçulmana.

Mas também é impressionante ver como o budismo encara Maria como aquela que representa a humanidade. Como diz o estudioso Don Mitchell: «Maria é aquele vazio, aquele seio desmedido que guarda a mais alta compaixão por todo ser vivente».<sup>4</sup>

Por que Maria é assim? Por que é amada por todos? Porque soube fazer-se nada. Está na sua «kenosi», no seu ser nada, a sua grandeza, porque, apesar de ter sido super eleita, soube anular-se, tornar-se um nada positivo de amor por ter acolhido de modo total e incondicional a vontade de Deus.

Como em Maria, a consciência da nossa nulidade deveria ser infinita para que Deus habite em nós. Nós somos realmente nada e temos que afirmá-lo. Somos grandes, se Jesus vive em nós. Ou, como dizia dom Klaus Hemmerle: «O Espírito Santo é dado por Deus sem medida (cf Jo 3,34); portanto, para ser acolhido, Ele pede um vazio desmedido, infinito»

E talvez seja este o segredo e o verdadeiro significado do diálogo inter-religioso: esta acolhida, este vazio de amor que as nossas irmãs e os nossos irmãos de outros credos devem encontrar em nós, cristãos, descobrindo assim o Amor de Deus, que através de nós os ama imensamente.

Portanto, também nós, do Movimento dos Focolares, estamos trabalhando com a Igreja a fim de que o pluralismo religioso da humanidade possa perder cada vez mais o seu significado negativo (pensem nos movimentos extremistas) como fonte de divisões e de guerras para adquirir, na consciência de milhões de mulheres e de homens, o sabor de um desafio: aquele de recompor a unidade da família humana, porque em todas as religiões está, de alguma forma, presente e ativo o Espírito Santo, de alguma forma, não só nos indivíduos mas também em cada tradição religiosa.

Falando do maravilhoso encontro de Assis, João Paulo II o definiu «uma manifestação admirável daquela unidade que nos une para além das diferenças e das divisões».<sup>5</sup>

Então, inundemos o nosso coração com o verdadeiro amor. Com ele tudo podemos esperar em vista da unidade entre fiéis de outras religiões e da fraternidade vivida por toda a humanidade.

---

<sup>4</sup> Cf. D.W. Mitchell, Kenosi e nulla assoluto, Città Nuova, 1993 pp.282 seg.

<sup>5</sup> Assis: Jornada Mundial de Oração pela Paz. Tip. Pol. Vaticana 1987, p.149.